

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Sempre pelo mesmo caminho

Quando foi fundado este jornal, e já lá vão uns anos, traçou-se aqui, de modo absolutamente claro, a sua orientação. Ao abrir-se caminho na luta pela República e na defesa dos interesses de Guimarães, sobejamente sabíamos que as nossas palavras muitas vezes haviam de trazer sobre nós as malquerenças de elementos visados. Dia a dia vimos constando este facto, que se revela especialmente pela devolução do jornal feita por pessoas a quem a nossa atitude desagradava.

Isso porém não nos faz desviar nem um passo da linha de conduta que sempre temos seguido.

Somos intransigentes defensores dos principios democráticos que reputamos sagrados; empenhamos na defesa da República o nosso melhor esforço; dedicamos à nossa terra um grande carinho; e dentro destas bases trabalhamos sem receios, sem preocupações de qualquer espécie.

Apreciamos os factos em si, tais como se nos apresentam; criticamos os actos públicos dos homens, sem inquirir dos seus méritos pessoais, das suas qualidades ou defeitos íntimos, censurando ou elogiando conforme a nossa consciência julga.

E' sabido geralmente que nem toda a gente que desempenha funções públicas tem a necessária isenção para serenamente aceitar o apontamento da falta como gostosamente acolhe o elogio aos seus feitos memoráveis.

E daí vem a má vontade que contra nós se revela de vez em quando.

Não nos atemorisa porém esse ódio oculto, nem arripiaremos caminho em caso algum.

Estamos no nosso pôsto e dêle ninguém nos deslocará; traçamos o nosso caminho, por êle seguiremos sem hesitações; definimos a nossa atitude e ninguém conseguirá demover-nos.

O respeito, a consideração, a estima, o aprêço que tenhamos pelo carácter individual das pessoas, não nos inibe de censurar, de combater as suas medidas, os seus actos públicos, quando elles se afastem do lêmã que os deve guiar—República e Guimarães.

As devoluções do jornal não nos imporã silêncio: falaremos sempre desassombradamente, para satisfação da nossa consciência do dever cumprido.

mais pode deter-se nem recuar. Fundando a sociedade pelo sistema do mundo, as Repúblicas atlânticas apressavam a chegada da consciência humana à República universal.

Para que pudesse cumprir tal regeneração, era preciso um nome do continente ocidental. Eram-lhe necessários colonos, uma doutrina e libertadores.

A França serviu de interprete entre o Novo Mundo e a velha humanidade.

1.º— Ela baptizou a América antes de existirem Americanos de raça branca.

2.º— Forneceu-lhe habitantes, dando-lhe um cristianismo republicano.

3.º— Libertou-a do rei de Inglaterra e engrandeceu-a com a Luisiania, consagrando ao futuro da liberdade os despojos dos Stuarts e de Luís XIV.

4.º— As Repúblicas atlânticas alargaram pelo planeta os seus principios humanos, suprimindo os chefes da guerra e acelerando as comunicações entre os continentes.

Nesta teatralogia da civilização as quatro estações da América física e moral, republicana e pacífica, no ponto de vista da humanidade, correspondem aos quatro séculos da colaboração franco-americana.

O Atlântico que separa os selvagens, aproxima os autores da liberdade e da verdade. Hoje que o atravessamos num instante e que falamos duma margem para a outra, a República americana e a República francesa, ideias convertidas em nações, continuam a convencer porque são ideias justas.

Ambas nasceram do comércio espiritual entre as duas margens atlânticas.

Sem a França não existiam os Estados-Unidos. Sem os Estados-Unidos, não havia a República francesa. Ora, entre os Atlânticos de aquém e de além oceano, a República é a Pátria.

Já não existe americano algum que tenha servido ou combatido um rei da Inglaterra; não há um francês que tenha servido ou combatido um rei de França. Há 150 anos que nenhum conseguiu fazer reinar o seu filho e sucessor nem em Nova-York nem em Paris.

São as Repúblicas que se compreendem, que se completam, que colaboram o mais útilmente possível. São elas que erguem a estátua da Liberdade de Bartholdi na barra de Nova-York e a de Lafayette de Bartlett no pátio do Louvre. São elas que fizeram a conquista do Universo pelo contágio do exemplo. São elas que reuniram em Paris, em 28 de Agosto de 1928, os signatários do pacto de renúncia à guerra.

Uma manifestação de simpatia a José de Pina

O Povo de Guimarães desagrava-o da sua demissão da C. de Turismo

Promovida pela Liga dos Antigos Scouts, realizou-se na passada quarta-feira uma manifestação de simpatia a essa figura simples e boa da nossa terra, sr. José de Pina, em desagravo da injusta demissão que lhe foi imposta pela Comissão Administrativa da Câmara, da Comissão de Iniciativa e de Turismo da Penha.

Repicaram os sinos, a Banda da Oficina de S. José percorreu várias ruas da cidade tocando o «Hino de Guimarães» e os vivas a José de Pina, a Guimarães e à Penha faziam-se ouvir com entusiasmo á mistura com môrras ao substituto.

E em frente da residencia de José de Pina, a manifestação redobrou de entusiasmo, ouvindo-se uma prolongada salva de palmas quando o illustre vimaranense assomou à janela.

E' que o sr. José de Pina é alguém que muito tem trabalhado por Guimarães e que não era merecedor duma tamanha deslealdade por parte daqueles que, dizendo-se seus amigos, o abocanhavam pelas costas e lhe fazem referencias pouco lisongeiras e pouco próprias.

José de Pina merece a veneração e respeito de todos os vimaranenses e a manifestação de quarta-feira traduziu bem a gratidão por parte daqueles que sabem ser agradecidos e reconhecidos.

Ele tem sido o incançavel obreiro de tudo que levante bem alto o nome da sua terra e o impulsionador do embelezamento da ridente montanha da Penha.

Tem abalado a sua saúde, e apesar da insistencia dos seus amigos e médico assistente que o aconselham a que descanse, ele, não perde o vicio de trabalhar por Guimarães e sem que proventos alguns usufrua.

E' teimoso, e aos froucos que lhe dão, responde com a sua actividade e com aquele sorriso de alma de eleição que faz dele... o bom do José de Pina.

Nunca o não foi proferido pela sua boca, e vêmo-lo, a ele, que tem uma compleição fraca, vêmo-lo a correr quasi todas as semanas para a Penha, a aguarelar os cartazes anunciadores de festas e romarias, a architectar números para a «marcha milanese», a indicar as vestes com que se deva enfeitar a cidade em dias de festa rija, a maquetizar o monumento aos Aviadores, a desentulhar o Castelo, a limpar cuidadosamente os museus da Sociedade Martins Sarmento e a tratar das «bombas» quando o rebato dos sinos indicam que um incêndio lavra em qualquer casa ou fábrica...

Mas, além disto, os serviços que tem prestado em todas as associações, de que faz parte são inumeros, havendo algumas delas que já lhe testemunharam o seu aprêço, inaugurando-lhe o retrato. O seu valor é indiscutível, a

sua competencia é inegavel e o seu zêlo e boa vontade de ajudar todas as boas iniciativas estão desde ha muito postos em evidencia.

Já a Vereação saída do P. R. P. e de que foi presidente o nosso presado correligionário e illustre Presidente da Comissão Municipal, Sr. Dr. Mariano da Rocha Felgueiras, o reconheceu, nomeando-o para seu representante junto da Comissão de Iniciativa e de Turismo da Penha.

Achamos justa a manifestação de quarta-feira e pena foi que a quasi nenhuma propaganda tivesse obstado a que muita gente, desconhecidora da manifestação, não acorrêsse à chamada.

Contudo, pela sua espontaneidade e pela sinceridade com que foi feita, traduziu bem a admiração pela pessoa de José de Pina e a repulsa pelo substituto e irmandadeiros que tentam engodá-lo quando é certo que o mordem nas canelas... cobardemente.

Especialmente estes últimos, com o má lingua-mór do sr. Marques a trabalhar por traz da cortina (o mesmo que quando não tem que dizer mal de alguém é capaz de o dizer de si), são figuras misérrimas que repugnam e, pela insistencia com que se agarram à «caixa das esmolãs», dão o direito de duvidar do seu desinteressado amor pelas coisas da Penha e do seu bairrismo... incestuoso.

Receiam os maçons— dizem-no eles— e para evitar a sua invasão no religiosissimo campo dos irmandeiros, vá de esconder os Estatutos e de negar ao progresso da irmandade que representam o concurso de novos irmãos.

Chiu!... Anda mouro nos eucaliptos, queremos dizer, anda mouro na costa...

Entretanto gritaremos:
Viva a Comissão de Turismo da Penha!

Viva o sr. José de Pina!
Viva Guimarães!

O povo de Guimarães desejando testemunhar duma forma mais alevantada o seu reconhecimento pelos serviços prestados a esta cidade pelo Ex.º Sr. José de Pina, oferece-lhe um jantar na soberba montanha da Penha, na próxima quinta-feira, 27, pelas 20 horas.

As listas de inscrição encontram-se à disposição dos vimaranenses nas seguintes casas: High-Life e Faria & Fernandes.

O preço da inscrição include o transporte.

Haverá serviços extraordinários de camionetes.

Falta de espaço

Somos forçados a deixar para o próximo número algum original, do que pedimos desculpa aos nossos estimados colaboradores.

França--América

(versão)

Foi a República americana que criou o primeiro patriotismo continental; foi a República francesa que criou o primeiro patriotismo social. A sua aliança irresistível é a da natureza explorada e a do homem instruído.

Mostrou-se mais fecunda do que a de Atenas e a de Roma. A civi-

lização é franco-americana, como as humanidades eram grêco-latinas. Elaborou a física e a política que retem a atenção dos cinco continentes, porque o patriotismo continental e o patriotismo social são conciliáveis um com o outro e ambos, com uma organização racional da terra habitada.

As travessias de Franklím e de Lafayette, de Monroe e de Fulton, de Miranda e de Bolívar, de Pershing e de Wilson abriram à espécie humana o caminho em que nunca

E G O

Eu não sei o que fui, nem pretendo sabê-lo.
Se da pedra nasci ou do barro de Deus,
Que importará a mim procurar conhecê-lo,
Ridicularizando antepassados meus?

Sim, para nada serve esta preocupação
De buscar pergaminho aos tempos doutras eras,
Quando a vida é um sonho e um alvor ideal
Que se agita na sombra ou na escuridão
-Morta, enterrada em vida! Anteu que não toleras
De Hercules o abraço apertado e fatal!

Pobre e humilde nasci. Pela mão do Destino
Na Terra me encontrei como por um encanto!...
Bebi da Natureza o hábito divino,
E as estrelas fitei co'o meu olhar de 'spanto...

Cresci despreocupado; e neste caminhar,
A Vida compreendi como quimera vã,
A Torre da Ilusão, da Graça e da Beleza,
A sensação d'Amor no peito a refrear
-Como sombra diluída ao romper da manhã-
O amargoso pungir que nos dá a certeza
Da mentira da Vida e da irrealdade,
Que fera me tornou à face da Verdade.

1929

L. GOELHO.

Redactores de "O Janeiro," em Guimarães

Para momentâneo descanso das suas fadigas jornalísticas escolheu este ano o distinto corpo redactorial do brilhante diário portuense «O Primeiro de Janeiro» a nossa encantadora Penha.

Ali se transportaram no pretérito domingo, os nossos ilustres visitantes, que na explanada da Penha realizaram o seu almoço de confraternização.

Nele tomaram parte os Srs. Manuel Pinto de Azevedo e Manuel Alves Soares, do Conselho de Administração do jornal; Jorge de Abreu, o talentoso director do «Janeiro»; os redactores José Lopes Vieira, António Loureiro Dias, Gabriel Maia, Emilio Viterbo, Augusto Guerra, Mário Figueiredo, Américo Campos, Alvaro Martins, Gaspar de Matos, Sebastião Ferreira Mendes e João de Deus Pereira.

A sobrezeza trocaram-se calorosos brindes, sendo alvo de uma carinhosa manifestação o sr. Jorge de Abreu, que, há anos, por motivo de doença, não compartilhava das festas de confraternização do «Janeiro». Foi deveras interessante o momento, que nos deu a ideia de assistirmos a uma reunião de membros de uma família que afectuosamente se acariciam e querem.

Depois de percorrerem a Penha, cujas belezas admiraram, foram os nossos hospedes visitar a Associação dos Bombeiros Voluntários, cujas primorosas instalações lhes mereceram grandes elogios.

Em seguida dirigiram-se as Taipas, em visita ao balneário e ao magnífico Hotel das Termas, onde lhes foi servida uma taça de champagne, apresentando-lhes cumprimentos de saudação o nosso querido amigo Sr. Dr. Alfredo Fernandes, ilustre director clinico da estância.

Foram mais uns agradáveis instantes de bem-estar e grata camaradagem, que deu ensejo à troca de efusivas saudações, falando os srs. Jorge de Abreu, Manuel Pinto de Azevedo, Manuel Alves Soares, Dr. António Ramalho, Lopes Vieira, Loureiro Dias e Gaspar de Matos.

Na Penha foram os excursionistas cumprimentados pelos nossos queridos amigos Dr. Alfredo Fernandes, António Ferreira de Castro, presidente da Comissão de Iniciativa local e António Sarmiento, antigo redactor do «Janeiro».

O nosso particular amigo Sr. Francisco Gonçalves da Cunha, hábil gerente do «Bar Turiste», brindou os redactores do «Janeiro» com umas deliciosas garrafas de vinho branco.

A Penha Diz-se...

O «Ecos de Guimarães», — o *egoísta* semanário monárquico, falando dos progressos da Penha mostra ser muito pouco imparcial — defeito antigo e incurável... E' certo que a nossa encantadora Penha — um dos tesouros mais belos da Natureza, tem progredido muito, para cujo progresso muito tem contribuído os valiosos esforços de certas individualidades desta Terra, entre os quais podemos citar: Dr. Mariano Felgueiras, António Ferreira de Castro — actual Presidente da Comissão de Iniciativa, José Luís de Pina, Abel Cardoso, etc. Não havia motivo, portanto, para o «Ecos», se referir a este assunto da maneira como o fez visto que a Comissão de Iniciativa — à qual preside um nosso correligionário — tem trabalhado muito em prol da Penha, e longe de querer *empatar* ou prejudicar o seu progresso, como *hipócritamente* se pretende afirmar. Esta comissão tem sido incansável em conseguir para a Penha tudo que possa ser útil e agradável aos seus visitantes e aos seus hóspedes.

Podemos afirmar que todos os melhoramentos que na Penha se tem feito desde o principio do ano p. passado, é obra da Comissão de Iniciativa, embora esta, na melhor fé, tenha conferido à mesa da Irmandade da Senhora da Penha a honra da fiscalização das obras referidas.

Ninguém pode dizer o contrário, a não ser por maldade ou má fé. Nós, que somos republicanos, mas que acima disso somos vimezanenses, desejaríamos a união de todos os esforços e de todas as boas vontades — de republicanos e de monárquicos, no sentido de todos contribuirem — tanto quanto possível — para que a Penha seja aquilo que deve ser. Da nossa parte, não faltarão esses esforços nem essa boa vontade, fazendo-o única e simplesmente por amor à nossa Terra, como o temos provado, e pelo progresso da qual sempre temos pugnado.

Por isso, continuaremos com o mesmo interesse, e com a mesma dedicação a trabalhar por Guimarães, mesmo que aqueles que são pobres de dignidade, de espirito e de correcção nos não saibam compreender.

Encadernador

António da Costa, antigo encadernador, participa a todos os seus amigos e clientes que continua a receber as suas presadas ordens, na Rua Egas Moniz n.º 44 onde tem a sua oficina.

Seu filho já não está ao seu serviço.

Cadela de coelho

Desapareceu uma, no fim do ano passado; tamanho regular, branca, com duas malhas amarelas e que dá pelo nome de *Videira*. Procede-se a todo o tempo contra quem a retiver.

Dão-se esclarecimentos nesta redacção.

— Que a desculpa dada pela demissão do sr. José de Pina, de membro da Comissão de Turismo, revela muita insensatez e muita velhacaria.

Efeitos das *varizes*, talvez...

*

— Que o irmandadeiro, Snr. Cunha, disse de José de Pina o que Mafona não diria do toucinho, chegando mesmo a chamar-lhe *um empata*. Um alho!

*

— Que os mesmos irmandadeiros, com o sr. Domingos Marques à frente, querem emendar a mão, arrastando para a mesa da Irmandade da Penha, o sr. José de Pina.

Só se êle não tiver vergonha!

Dr. António José d'Almeida

Assinado por 147 republicanos vimezanenses, cujos nomes não publicamos pelo adeantado da hora a que este nos foi entregue, foi enviado a S. Ex.ª, para San Sebastian, o seguinte telegrama:

«*Republicanos Guimarães saudam eminente democrata grande paladino Liberdade desejando completo restabelecimento Vossa Excelência bem Pátria e República.*»

Dia a dia

Falou-se numa reunião extraordinária da Comissão Administrativa da Câmara, a qual devia ter por principal e único fim o de tratar de importantes melhoramentos para esta cidade e concelho. Afinal, melhor informados, soubemos que apenas se trata dum agravamento dos impostos Municipais. Aguardemos o resultado mas naturalmente deve vir algum *aleijão*...

Está a ser novamente organizada nesta cidade a *corporação* do **Scouts**, de que é muito digno *comissário* o Sr. Dr. Francisco dos Santos, que nas horas vagas se entretém a ler o **catecismo** aos jovens associados, conforme o preceituado no respectivo *regulamento interno*.

Tem-se dito, não sabemos com que fundamento, que o senhor *Presidente* está *ultra* desgostoso com a pouca sorte que tem tido na sua *gerência* Municipal. Mais se diz que sua ex.ª e os seus colaboradores não estão dispostos a sacrificar por muito mais tempo o Progresso desta Terra. Que assim seja.

Já foi retirado o *pasto* do *prado* da Praça D. Afonso Henriques. Agora segundo consta, preparam o terreno para a cultura de *cereais e legumes*, passando o referido *prado* para o Largo de S. Francisco, a fim de fazerem a vontade ao Sr. Jerónimo Sampaio.

Continuam completamente paralisados todos os trabalhos Municipais.

Natália Alves Guerreiro

O seu funeral

Atingiu imponentia o funeral da menina Natália Alves Guerreiro, realizado no dia 17 do corrente, pelas 11 horas, tendo saído o préstito da residência de seus desolados pais, ao Largo Martins Sarmiento.

O cadáver foi conduzido no carro da V. O. T. de S. Domingos, puchado a uma parrelha e seguido de cerca de 18 carros e automóveis, até ao Cemitério da Atouguia, onde ficou dormindo o sono dos justos.

Sobre o caixão foram colocadas diversas gerbes e bouquets, que tinham sentidas dedicatórias.

Foram organizados os seguintes *Turnos*: — De casa ao carro — Tenente-coronel Faria Blanc, comandante de infantaria 8; capitão Teixeira de Miranda, comandante militar de Guimarães; capitão Martins Fernandes e António de Jesus Teixeira, tesoureiro da Caixa Geral de Depósitos.

No cemitério — 1.º — Capitão Duarte Fraga, Capitão Malaquias Guedes, António Francisco Ferreira de Castro e José Fernandes Guimarães.

2.º — Capitão Luis de Pina, Tenente Diamantino Leite, Alberto Teixeira Carneiro e José França Barata.

3.º — Tenente Calejo, comandante da Secção da Guarda N. Republicana; Amadeu C. Penafort; Augusto Mendes e António Barbosa A. Guimarães.

4.º — Bernardino Jordão, Capitão César de Moraes, Tenente António Cunhal e Tenente Benjamim Vasconcelos.

5.º — Capitão Januário de Sousa, Tenente Carlos Coelho, António A. A. Ferreira Júnior e António Faria.

6.º — 1.º sargento José de Melo, 1.º sargento Pedro Machado, 2.º sargento António Carvalho e 2.º sargento António Santos.

7.º — Capitão Sousa Guerra, Tenente Guedes Gomes, Tenente Albano Cruz e António Ribeiro Venâncio.

8.º — Meninas Ermelinda C. Penafort, Silvia C. Penafort, Maria José C. Penafort e menino Fernando C. Penafort.

Pegaram ao caixão os srs. José F. R. Gomes, Horácio Barreiros, José Faria e Francisco Fraga.

O sr. Miguel Ribeiro Guimarães, que não pôde acompanhar o cadáver, à sua última morada, por falta de saúde, fez-se representar pelo nosso correligionário sr. José Fernandes Guimarães.

A Comissão Municipal do P. R. P. e o Centro Republicano de Guimarães, fizeram-se representar pelos nossos correligionários srs. António de Jesus Teixeira e António Francisco F. de Castro.

Atelier de Chapetus para Senhora e Criança

Maria do Gen Mendes Silva

Rua de S. Damaso, 89
GUIMARÃES

«De meu filho»

E' um interessante livro no qual o seu autor, nosso presado amigo, Sr. A. L. de Carvalho pôs todo o seu talento de brilhante escritor e todo o carinho de pai amantíssimo.

E' uma verdadeira cartilha de amor fraternal exuberante de são princípios. A sua leitura atrai e convida. E' um belo livro de família que tem jus a um lugar especial em todos os bons lares.

EDITAL

Doutor António Coelho da Mota Prego, Administrador do concelho de Guimarães:

Faz público que, para os devidos efeitos e para cumprimento do art.º 8 do Decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922, a esta secção administrativa da Câmara, baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é do teor seguinte:

Eu, José dos Santos Salvador Viegas, Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial:

Faço saber que a Companhia Portuguesa dos Petrólios *Atlantic* pretende licença para instalar um depósito de gasolina — 3000 litros na rua Dr. Abílio Tórres freguesia de Vizela concelho de Guimarães districto de Braga, confrontando ao norte, sul, nascente e poente com Rua Dr. Abílio Tórres.

E como o referido estabelecimento industrial se acha compreendido na classe 2.ª da tabela 1 anexa ao regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8.364, de 25 de Agosto de 1922, com os inconvenientes de perigo de incendio são, por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na 1.ª Circunscrição Industrial, com sede em Pôrto, rua Sá da Bandeira n.º 142, 2.º as reclamações que julguem dever fazer contra a concessão da licença requerida, no prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podendo na mesma Repartição ser examinados os documentos juntos ao processo.

Pôrto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 31 de Maio de 1929.

O Engenheiro-Chefe,

J. Salvador Viegas.

E' quanto se contem no referido edital.

Guimarães, 21 de Junho de 1929.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, Chefe da Secção Administrativa, o escrevi.

O Administrador do Concelho,

António Coelho da Mota Prego.

Agradecimento

Maria da Glória Alves Guerreiro e o Alferes Herculano Pereira Guerreiro, veem por este meio apresentar os seus agradecimentos, a todas as pessoas que se associaram à sua grande dor e aquelas que acompanharam à última morada, a sua querida e desditosa filhinha.

ATELIER DE VESTIDOS E CHAPEUS

DE

Maria Emília da Fonseca

Rua da República, 91

GUIMARÃES